

## PERFORMATIVIDADES QUEER EM ACENOS E AFAGOS DE JOÃO GILBERTO NOLL

**Autores:** LUIZ HENRIQUE SILVA NASCIMENTO, TELMA BORGES DA SILVA,

### Introdução

Os escritos sobre a obra *Acenos e Afagos* retratam assuntos variados, como: a literatura líquida, baseada da filosofia do Bauman; transgressões do corpo; autobiografia; o insólito; o espetáculo sonoro; o determinismo social; e até sobre a escrita queer. Os estudos sempre consideravam a obra como um todo, nunca usando apenas a personagem como objeto de estudo.

A irreverência de João Gilberto Noll em escrever, sendo a ousadia que mais ressalta aos olhos quando se lê. Seu misto de sensações e uma catarse quase física é o que mais nos chama a atenção. Falar de orientações sexuais e de identidades de gêneros sem “biologicizar” o ser é a grande dificuldade da humanidade. Noll conseguiu com maestria mostrar em sua personagem João Imaculado que o gênero é uma construção, seja ela social ou cultural. Noll ousou e mostrou que podemos nos tornar o que quisermos.

A complexidade da obra se dá pela personagem principal, ora hetero, ora gay, ora travesti (ou seria uma transexual?), ora homem, ora mulher. Complexidade esta que é retratada de maneira natural, tendo seus conflitos e dúvidas, diferente do discursos “naturalizadores” que concebem a realidade como algo dado, já pré-existente e não como um construto social. A essência da personagem nunca se resumiu à identidade de gênero ou orientação sexual que resolvia assumir. Pelo contrário, era sempre questionada.

O que mais causa beleza na escrita sobre a personagem no livro é a desnaturalização das categorias homem e mulher. O autor brinca com a lógica dual e nos dá o desconforto do binarismo em que fomos inseridos, repetido tantas vezes, e que é tido como o certo, o natural. Com isso, pretende-se analisar a estilização repetida do corpo da personagem João Imaculado, que, ao contrário da maioria, não se cristaliza no tempo com o intuito de se produzir uma categoria, algo natural.

A importância deste estudo é mostrar, por meio da literatura, como o sujeito se reinventa, que somos mais que homens e mulheres e que nos constituímos socialmente, corroborando com a ideia de que o gênero é uma criação da linguagem, pois o corpo é um discurso onde se reinscreve o gênero, acentuando o seu caráter de artificialização, de criação social. E esse discurso precisa ser nomeado, algumas vezes masculino, outras vezes feminino.

### Material e métodos

A nossa investigação é de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico, e tem como principal objeto a personagem João Imaculado do livro *Acenos e Afagos*, do autor João Gilberto Noll. Pretende-se analisar a paródia de gênero da personagem principal a fim de discutirmos se existe a *performatividade queer* ou não na sua vivência enquanto “homem-mulher” por meio da Teoria *Queer* que compreende o sujeito como um constante refazer.

Para as nossas discussões sobre “*queerização*” do corpo, utilizaremos a autora Judith Butler, professora de Literatura Comparada e Retórica na Universidade da Califórnia.

Butler considera não existir uma identidade, de ordem metafísica, mas identidades. Para ela não há a libertação da mulher, sem antes, subverter a identidade de mulher. É o que a personagem faz, sem o perceber. Butler se opõe ao Estruturalismo e problematiza a oposição binária vigente dos sexos e gêneros. O que a possibilita também questionar as categorias de heterossexualidade e homossexualidade de forma a interrogar a oposição entre sexo e gênero, sexo é biológico, gênero é construção social.

## Resultados e discussão

O intuito do livro não é reafirmar nenhuma orientação sexual para a personagem João Imaculado. O foco não está em ele ser um homem casado, ou se ele sente atração por mulheres mesmo quando se diz mulher e se porta e traveste-se como uma. “Essa identidade no romance é descrita como experiências inquietantes por não se ater nem a heterossexualidade, nem a homossexualidade”. (Gimenez e Machado e Silva, 2010, s/p.).

A personagem mesmo se entendendo como uma mulher, possui atos masculinos, como por exemplo a postura “ativa” nas relações sexuais com o seu parceiro, sempre o penetrando. Nesses trechos é percebido uma subversão dos atos atribuídos aos heterossexuais. Mesmo ao trocar de gênero, a personagem nega mais uma vez a participar do processo de heteronormatividade. “A heteronormatividade deve ser compreendida aqui como uma forma de ‘regulamentação’ compulsória da sexualidade humana, ou seja, só há uma sexualidade disponível e ‘correta’ e ela é a heterossexual”. (Placido, 2016, p.141). A personagem não reinventa somente um gênero, mas também uma sexualidade, pois mesmo sendo mulher, sua forma de manter relações não é a que é prevista pela sociedade.

A personagem João Imaculado não se sente pertencente a nenhuma identidade claramente definida e que corrobora com a explicação de Sedgwinck (1990) do que conceitua o *queer* como indistinguível, indefinível, instável. O *queer* é um momento, um movimento conturbador, contínuo, vertiginoso e que não está preocupado com definições, fixidez ou estabilidade, ele é avesso à assimilações. João Imaculado não está se preocupando em ser uma mulher ou um homem a imagem e semelhança do que a sociedade impõe que ela seja, visto que, “entre ser homem e mulher, ele fica com os dois” (NOLL, 2008, p.122). Sempre aproveitando as dores e os prazeres de cada gênero socialmente criado.

## Considerações finais

A personagem mostrou que o gênero é uma fabricação. Levando em conta relatos da personagem como “Eu já era outro. [...] Pus-me a trabalhar para fazer de mim uma mulher próxima ao ideal.” (Noll, 2008, p. 96), que corrobora com o que Butler (2017) nos diz sobre o gênero enquanto um tipo particular de processo, que se baseia em um aglomerado de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido. A *performatividade* da personagem em se (re)fazer na repetição da constituição da identidade que se pretende ser ou se simula ser faz parte do arcabouço de João Imaculado, já que ele não se via como uma mulher acabada. “Ao apertar o botão do imaginário, vira e desvira o corpo pelo avesso e se inscreve em outro território: o feminino.” (Nunes, 2010, s/p.). Noll consegue fazer com que a personagem seja um acontecimento coletivo, pautado no masculino e feminino cada um de seus atos libidinais, nunca um ser definido.

Estudiosas como Salin (2015) explica que uma série de pesquisadoras, ao serem influenciadas por Michel Foucault rejeitaram a ideia de que sexo fosse uma entidade biologicamente determinada, passando a entender sexo e sexualidade como uma construção discursiva pelas culturas ao longo do tempo. Sendo assim, *Acenos e Afagos* mostra que a categoria “sujeito feminino” pode ser questionada como uma entidade estável e evidente. A própria personagem ao se questionar quanto ao que ela é afinal: “Um homem que funciona como esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até o seu caroço.” (NOLL, 2008, p. 96) ratifica o que Judith Butler teoriza, uma vez que, ela consegue de maneira fluida questionar as categorias do binário masculino/feminino e utilizar dos atributos que cada categoria pode oferecer quando lhes são úteis. A mulher na

obra não pode ser suposta, entendida de certa forma e reduzida há um conjunto de ações pré-estabelecidas por uma cultura.

Contudo, ao viver nesse “entre-gênero” a personagem sai da categoria de humano que detém o poder na sociedade Ocidental. “A noção de ‘humano’ está diretamente relacionada à de gênero, na medida em que nos reconhecermos como ‘mulheres’ ou ‘homens’ implica em termos consciência da nossa condição de seres vivos.” (Assis, 2014, p. 1992). Ao se negar participante de uma categoria ou ao ser pertencente as duas categorias do binário, João Imaculado produz um excedente que deixa sua realidade social negligenciada. Não é apenas um ato involuntário deixar claro que somente após morrer que viverá feliz e completo, a categoria de humanos vivos, não consegue compreender a sua forma de se posicionar, o que torna a morte um ato de poder.

O gênero aqui é sempre um fazer, sendo que não é um fazer por um sujeito que possa dizer que preexistia ao feito. O gênero já existe na cultura antes do sujeito existir.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora pelo tempo empenhado e carinho com que transmite seus conhecimentos, e aos amigos, que disponibilizaram um pouquinho do tempo com contribuições a este estudo.

## Referências bibliográficas

- ASSIS, Fabiana Gomes de. *A queerrificação dos corpos em Acenos e Afagos, de João Gilberto Noll, e em “O homem-mulher II, de Sérgio Sant’ana*. Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC – 19 a 23 de setembro de 2016. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1490918496.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1490918496.pdf). Acessado em: 05 de agosto de 2017.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar – 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- JIMENEZ, Michele de Oliveira; MACHADO E SILVA, Regina Coeli. *Sexualidade e identidades conflitantes em Acenos e Afagos, de João Gilberto Noll*. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, vol. 18 UEL. 2010.
- NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2008.
- NUNES, Tania T. S.. *Acenos e Afagos do corpo: tempo, iconicidade e transdiscursividade em João Gilberto Noll*. Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia ano III, n 1. 2010.
- PLACIDO, Carlos Eduardo de Araujo. *João Gilberto Noll e a pomossexualidade*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de São Carlos, 2015.
- SALIN, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer 1 ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SEDGWICK, Eve. *Epistemologia do Armário*. Londres: Penguin, 1990.